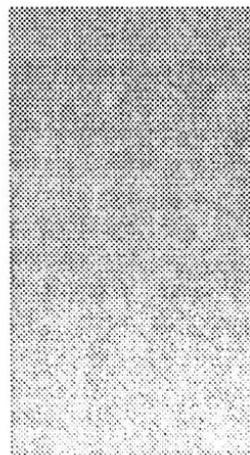


*Marleine Paula Marcondes e Ferreira de Toledo (\*)*

***O funcionamento da  
didascália em “O Judeu”, de  
Bernardo Santareno.***

(\*) Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Prof<sup>a</sup>. dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da UNISO.



### **RESUMO**

*O Judeu, de Bernardo Santareno, é uma autêntica parábola sobre a opressão. Partindo da história de Antônio José da Silva, o Judeu, executado pela Inquisição no século XVIII, faz o autor veemente crítica ao Portugal salazarista. Evidencia, também, com amargor, a ineficácia da luta contra o obscurantismo, que sob uma ou outra forma, sempre existirá. Neste contexto, as didascálias têm papel fundamental, sobretudo se considerada a construção de uma ideologia.*

### **ABSTRACT**

*The jew, by Bernardo Santareno, is an authentic allegory about oppression.*

*Starting from the story of Antonio José da Silva, the jew, executed by the Inquisition in the eighteenth century, the author makes a vehement criticism of Portugal under Salazar. He also makes bitterly evident the inefficiency of the struggle against obscurantism which, one way or the other, will always exist.*

*Within this context, the didascalies play an important role, specially if the buiding up of an ideology is considered.*

Na leitura - não na apresentação cênica - de **O Judeu**, de Bernardo Santareno, atraiu-nos a curiosidade e o interesse a abundância das didascálias. Sua função precípua é, evidentemente, a marcação, sobretudo em se tratando de drama tão extenso e denso. É o caso, por exemplo, da longa explicação inicial sobre o arranjo do cenário e, entre outras muitas, da rubrica que descreve a ambientação das câmaras do Rei e do Inquisidor-Mor:

“Este (o palco) surge-nos agora repartido em dois sectores, um à direita e outro à esquerda: Câmara do Re e Câmara do Inquisidor-Mor, nos respectivos aposentos privados. Fausto barroco, na primeira; austeridade descarnada, na segunda.” (p. 55)<sup>1</sup>.

Entretanto, além da simples marcação, nesta didascália o pronome **nos** não consegue esconder certa participação do narrador, com o correspondente alicia-mento do leitor.

Acontece assim, também, quando se trata da descrição física das personagens. Apresentando Diogo de Mendonça, “avis rara” do Iluminismo, que tem de suportar os caprichos do Rei e o servilismo dos validos, diz B. Santareno:

“Velho, com alta fronte destacando-se da peruca empoadada, olhos negros e penetrantes, estreito e longo nariz, lábios finos mordazes. Com voz bem articulada, clara e metálica, lê ao Rei a seguinte pragmática:” (p. 55).

A presença do autor aí se faz notar na adjetivação subsidiária: “penetrantes”, “mordazes”, “metálica”. A penetração e mordacidade críticas do velho conselheiro a respeito dos disparates do Reino são, em certa medida, as de B. Santareno.

Estes exemplos colhidos entre muitos permitem valorizar o tecido verbal das didascálias. Permitem também compreender as falas e rubricas como um todo indiviso na escritura de **O Judeu**. O texto total resultante desta interpenetração harmoniosa tem estrutura discursiva complexa - e é sobre esse problema que incidirão nossas considerações.

Primeiramente, seguindo a própria classificação do autor (“narrativa dramática”), **O Judeu** constitui um discurso narrativo sobre o qual paira soturnamente o **páthos** trágico.

A Inquisição e o absolutismo régio dominavam o século XVIII português. Preso por aquele tribunal eclesiástico, suspeito de práticas judaizantes, o jovem estudante de Direito Antônio José da Silva escapa de um auto-de-fé, mas é

---

1. Esta citação e todas as outras, que ocorrem no trabalho, referem-se à 3ª edição das Edições Áticas, Lisboa, 1966.

condenado ao hábito penitencial por seis meses. Sofre, juntamente com a mãe, Lourença Coutinho, os apupos da população suja, maltrapilha e faminta que, induzida pelos padres inquisidores, culpava os judeus por sua miséria.

Passa-se o tempo, o Judeu forma-se, prospera como advogado, casa-se com a prima Leonor e tem uma filha. Para fazer-se amado do povo, compõe óperas cômicas de grande sucesso, em que satiriza as mazelas sócio-culturais do tempo: o servilismo da corte, a opressão religiosa e régia, o obscurantismo popular, a escolástica decrépita.

Outra vez preso pela Inquisição, juntamente com esposa e mãe, é torturado e queimado vivo como herege. Lourença e Leonor escapam com vida, mas perdem todos os bens.

Em torno desse eixo principal giram acontecimentos complementares na corte, na rua, na sede inquisitorial, nos conventos.

As didascálias têm grande importância narrativa. Vão como que cosendo as falas, aproximando o texto da estrutura do romance. Observe-se a narração das reações de Margarida do Monte, freira, ex-cigana, atual amante do Rei, ao ser surpreendida em tratos amorosos com o carvoeiro do convento:

Uma vez sozinha em cena, Margarida do Monte, logo desmanchada a máscara trágica, olha de soslaio a certificar-se; levanta-se, lesta, para espreitar à janela. Volta para dentro inquieta, apreensiva quanto à sorte do Carvoeiro: Vai ao sofá, senta-se e palpa com uma ternura sensual e triste os brocados. De repente põe-se de pé e encolhe os ombros: crueldade nos olhos. Depois, com quase sofreguidão, tira do seio uma medalha que traz presa ao pescoço por fio, beija-a com três beijos ruidosos; faz "figas" com as duas mãos, logo beijando os polegares de ambas. (p. 127)

Esta e outras rubricas denunciam fortes tendências romanescas no autor. Acresce que a revelação de que a freira é uma ex-cigana aparece primeiramente em uma rubrica - o que vem reforçar sua importância romanescas e narrativa: "... a Margarida - cigana noutros tempos da vida airada e agora dominicana professa..." (p. 124)

Sobrepõe-se a essa narrativa uma espécie de predestinação, de **páthos**, a que não falta nem mesmo a ironia trágica da antiga Hélade.

Um Estudante Pálido, símbolo medieval da morte, é um contraponto na vida do Judeu, fazendo-o tremer de medo prevendo seu fim, tirando-lhe a alegria nos momentos de glória, de realização artística, levando-o finalmente à prisão e ao suplício. Aqui também as didascálias são indispensáveis como tecido intersticial das falas, construindo o tom patético pela adjetivação bem escolhida e colocada:

É então que, ao levantar a cabeça, os seus olhos se encontram com os do Estudante Pálido. Este, cuja sinistra palidez - brancos, verdes e azuis - é ampliada pela boca sem lábios e pela frieza dos olhos sibilinos, seguiu a representação

desta cena da "Justiça" com uma atenção inquietante, sem nunca rir francamente, apenas mostrando um fino sorriso cruel, não bastante para abrandar a tensão ameaçadora e fugitiva dos olhos. Como que hipnotizado, Antônio José não pode desviar a vista do Estudante Pálido... (p. 92).

A ironia trágica aparece numa aproximação latente e sutil entre a crueldade do destino do Judeu e a paixão de Cristo.

Jesus Cristo, uma semana antes de morrer na cruz, foi aclamado nas ruas de Jerusalém como o filho de Davi, o messias esperado:

"Hosana ao Filho de Davi!  
Bendito o que vem em nome do Senhor!  
Hosana no mais alto dos céus!

(Mt 21,9 e p.)

Esta mesma multidão, aliciada pela casta sacerdotal, pouco tempo depois pedia a sua crucificação ("Seja crucificado", Mt 27, 22 e p.), apupava-o, batia-lhe (cf. Mt 27,30 e p.) e, vendo-o pendente do madeiro, zombava dele: "Tu que destróis o Templo e em três dias o edificas, salva-te a ti mesmo, se és o Filho de Deus, e desce da cruz!" (Mt 27,40 e p.)

O Judeu tem uma **via crucis** semelhante. Enquanto fazia sucesso no teatro do Bairro Alto, os populares divertidos o aclamavam com bonomia. Pouco depois, denunciado, preso e condenado, a mesma multidão o amaldiçoa e quer saciar-se com sua carne queimada: "À fogueira! À fogueira! ..." (p. 239)

A contraposição e aproximação destas reações populares está a cargo do tecido verbal e da expressiva adjetivação das rubricas:

"Gravação com os aplausos delirantes do público: Palmas, gargalhadas, gritos de júbilo, chamadas de 'Judeu! Judeu! Judeu! ...'"(p. 237)

Logo em seguida:

"Gravação com alarido raivoso do povo, durante a execução de Antônio José da Silva: "Judeu maldito !... Cão tinoso!... Façam a barba ao cão !... Arranquem-lhe a língua !... Furem-lhe os olhos !... Judeu! Judeu! Judeu!... " (p. 237)

Condenado pela Igreja Católica como anti-cristão, Antônio José repetiu a **via crucis** do próprio Jesus Cristo.

O Judeu é, evidentemente, um discurso alegórico, onde a opressão inquisitorial remete ao autoritarismo discricionário dos anos 60 e 70.

O Santo Ofício leva a pensar na censura e polícia política da ditadura salazarista. D. João V e sua corte de fancaria lembram o poder despótico, contraditório e caquético do mesmo governo.

A perseguição ao Judeu figura casos de prisão, tortura, degredo ou morte impostos a intelectuais, unicamente por não concordarem com o poder instituído, por serem "de outra raça".

Os iluministas (Cavaleiro de Oliveira, Verney, Luís da Cunha, Alexandre de Gusmão) remetem aos intelectuais que se exilaram espontaneamente de Portugal nos tempos mais rigorosos do regime, à procura de liberdade de pensamento e ação.

O autor, é claro, contesta este regime e por isso *O Judeu* é também um discurso contestatório. Contestando as atrocidades e arbitrariedades da Inquisição e do Rei, Bernardo Santareno está criticando figuradamente o momento histórico português.

O primeiro passo é colocar no ridículo os padres inquisitoriais, por meio da retórica barata de um pregador, onde superabundam hipérboles, metáforas e antíteses gastas e fáceis:

Olhai, irmãos, contemplai o mais horrendo quadro que olhos humanos já viram: Jesus pregado na Cruz; Deus Crucificado! A divina cabeça rasgada pelos espinhos do escárnio, os pulsos e os pés traspassados com ferocíssimo impulso, a chaga do lado aberta sem dó nem piedade... Lobos, negros lobos vorazes, focinhos empedernidos que os beijos do Demônio beijaram! ... Matadores de Deus!! (p. 11).

O tecido verbal da rubrica acentua a espécie de sacra possessão que tomara conta do pregador. Quando um dos condenados corajosamente reafirma sua apostasia (“O cristianismo é falso! E falso o seu messias, Jesus Cristo!! ...” - p. 14), eis o que acontece:

“Reagiu à revolta de José Lavareda colericamente, dardejando-o com olhares apocalípticos.” (p. 15)

Outro caso de retórica barata, acrescida agora de perversão e maquiavelismo, é a fala do Inquisidor Mor ao titubeante 1º Inquisidor. A rubrica anuncia, dando o tom: “Força interior, olhar ardente, tomando a cabeça do 1º Inquisidor entre as mãos, obrigando-o a fixá-lo.” (p. 79)

Segue-se a argumentação: “Tu és um Inquisitor, Diogo! Soldado do Santo Ofício, o teu combate acabará tão-só quando o reino de Deus for neste mundo.” (p. 79).

Os contrastes e contradições são instrumentos eficazes para denunciar a caquexia e as falsidades do regime. O conselheiro real Diogo de Mendonça propõe a Sua Majestade uma pragmática coibindo os gastos abusivos dos vassallos - naturalmente com exceções honrosas relativas aos apaniguados e ao clero ... A aprovação do rei vem na seguinte rubrica, de forma grotesca e paradoxal:

(O rei) ouve ler a pragmática sentado numa rica poltrona, enquanto o 1º Criado lhe escova e penteia a longa peruca, e o 2º Criado lhe calça as meias de seda e os sapatos de fivela com brilhantes. Um 3º Criado mantém diante do rosto do Rei um belo espelho, emoldurado a ouro. D. João V seguiu a leitura da pragmá-

tica com repetidos gestos de aprovação, que foi alternando com os necessários ao desenho do sinalzinho negro sobre o lábio superior ... (p. 56).

Os paradoxos doutrinários, dentro da alta hierarquia eclesiástica, são menos declarados, porém mais sutis e contundentes. A Inquisição achava hereges por toda parte - enquanto o neurótico Inquisidor-Mor era um heresiarca em potencial. Suas posições teológicas estabelecem uma separação absoluta entre corpo e alma, à maneira dos maniqueus e albigenses ("O único mal autêntico que pode acontecer a um homem é perder a sua alma" p. 128). O resultado é um desprezo pelo corpo (alheio), que raia às práticas penitenciais dos montanistas e posteriormente dos valdenses.

"Compreendo, Reverendo Padre. O que ele sofre neste mundo-fome, frio, doenças, solidão, injustiças, torturas sem nome nem medida ... - tudo isso é nada, se homem não sofrer com os olhos postos em Deus. Resignado. Feliz, se possível. E muito agradecido." (p. 129)

Neste aspecto a rubrica não acentua o paradoxo da doutrina - mas a neurose do mestre: o Inquisidor-Mor, ao reafirmar diante do Rei que não lhe interessava a vida do homem, mas a sua morte e a salvação de sua alma, entrecorta suas palavras de "silêncio" e pronuncia-as com "ferocidade gelada". (p. 227) A didascália da p. 228 prevê para a sala onde será torturado o Judeu "um grande Cristo Crucificado: terrível, agônico", mantendo a ênfase sobre o martírio, reforçando as possíveis ilações com o montanismo.

Sendo um discurso contestatório, o Judeu assume um tom panfletário. Reiteradamente faz críticas diretas à situação e apelos para a sua mudança. Neste ponto é que residem os defeitos da peça - e - paradoxalmente - a sua genialidade.

As alusões muito diretas, o palavreado rebarbativo, as comparações óbvias fazem algumas vezes descer o tom; tem-se a impressão de textos escolares, de aprendiz.

O sonho profético de Lourença com os campos de extermínio nazistas, por exemplo, exagera o tom melodramático.

Certas intervenções do personagem-narrador Cavaleiro de Oliveira, raíam ao didatismo e à verborragia, repisando o óbvio. É o caso da fábula da cabeça e do rabo, que bastaria contar, porque a interpretação é evidente. Mas Cavaleiro faz tudo: o rabo da serpente queixou-se de ser sempre obrigado a seguir a cabeça; foi-lhe então concedida a chefia - e ele levou a serpente ao pior dos caminhos. O mesmo ocorreu com o Santo Ofício: "É possível que a sua criação e o seu início se devam à cabeça; tal como hoje ele é, como hoje tortura e obscurece o desgraçado povo de Portugal, não duvido que quem o governa é o rabo." (p. 119).

Outras vezes, a aproximação entre a situação cênica e o momento histórico português dispensaria qualquer explicação - mas ela vem, pela boca de Cavaleiro de Oliveira:

“Quando, daqui a um, dois séculos, se representar esta ópera do Judeu, ainda haverá entre os espectadores alguém que saia tangido, chamuscado, como aquele fradalhão-poeta?” (p. 146)

Está no mesmo caso a insistência irônica sobre a opinião dos pósteros: o que pensarão os homens “nesse progressivo, inteligente e livre século XX”? (p. 173-174)

A proposta iluminista-positivista do mesmo Cavaleiro de Oliveira de libertar o povo do obscurantismo através da difusão da cultura (“Em nome de Antônio José da Silva agonizante, vos rogo e imploro: Iluminai o Povo de Portugal!!” - p. 237) é retórica demais ser convincente. Anuncia-a uma rubrica que pode ser tomada em dois sentidos: apelo contundente de quem tem certeza do que diz - ou suspiro desencantado de quem descrê da solução que encontrou: “Grave, hierático, patético, como quem oferece ao público toda a sua alma.” (p. 237)

Em suma, há muito apelo panfletário na peça que não convence por ser hiperbólico demais.

Contudo, estas intrusões de “vana verba” parecem mais propositais do que fortuitas. Espelham uma espécie de ceticismo irônico, de descrença na eficácia produtiva dos libelos. As didascálias são neste ponto essenciais; as que fazem as marcações de Cavaleiro de Oliveira mostram que este fidalgo faz suas perorações e catilinárias com certa dose de afetação e ironia, como se ele premeditasse soar falso:

“silêncio mordaz; alegria cruel”  
 “Passa rápido da indignação fingida, ao riso franco”  
 “com malícia brejeira”  
 “riso cúmplice” (p.174-175)

Acresce que este narrador-questionador é um **ausente** e, só por isso, como o nosso Brás Cubas, pode falar o que pensa.

Mas adianta alguma coisa falar o que pensa? Nenhum personagem abdicará de suas posições. Poderá mudar o rei, mas a monarquia continuará sendo absoluta; poderá vir outra forma de governo, mas o poder político, aristocrático ou plebeu continuará usando a força física para manter-se.

O Inquisidor-Mor poderá ser outro, mas não a ideologia e a pedagogia da Inquisição. E assim todos os órgãos repressores que ela prefigura.

Não será a força que converterá judeus em cristãos. Resolvido o problema dos judeus, continuará havendo em todos os regimes minorias perseguidas.

Mais do que as situações, idéias e fatos, o que se contesta é a própria eficácia da contestação.

Da apoteótica didascália final, depreende-se que o obscurantismo sempre levará a melhor:

“...a luz da cena vai baixando e as invectivas da multidão se tornam mais audíveis, misturando-se com o coral que canta o **Exurge Domine et Judica causam tuam.**” (p. 240).

À medida que a obscuridade vai tomando o palco, ilumina-se o vitral do fundo: “Este deixar-nos-á ver as chamas duma fogueira, cada vez mais altas, até que por inteiro o encham. Atingem o máximo, o canto inquisitorial e o ódio sanguinário do povo.” (p. 240)

Se considerarmos todas estas ambiguidades como propositais, não será difícil colocar **O Judeu** entre as **aporias**. O que não diminui o seu valor, pelo contrário: de circunstancial panfleto contra a situação, transforma-se em um parábola da opressão e do obscurantismo. Em uma autêntica **tragédia** - onde a didascália tem função indispensável.